

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS**

**Gilmar Rodrigues Pacheco**

**FLORBELA ESPANCA E ALFONSINA STORNI:  
DUAS MULHERES À FRENTE DE SEU TEMPO**

**PORTO ALEGRE  
2012**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS**

**Gilmar Rodrigues Pacheco**

**FLORBELA ESPANCA E ALFONSINA STORNI:  
DUAS MULHERES À FRENTE DE SEU TEMPO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras.

Orientadora: Profª Dra. Jane Fraga Tutikian

**PORTO ALEGRE  
2012**

## RESUMO

Este trabalho se propõe a analisar aspectos contextuais convergentes, presentes na vida e obra e articulados na linguagem poética de Florbela Espanca e Alfonsina Storni. Para tanto, procede a uma revisão bibliográfica da obra das poetisas com foco em seus contextos socioculturais e na similitude dos respectivos desfechos pessoais. Também analisa de que forma as autoras percebem e expressam o amor através de seus poemas, buscando descortinar, entre outros aspectos, qual a sua visão de mundo e como elas se manifestam acerca da transitoriedade do ser humano.

Como aporte teórico lançamos mão, entre outros, de Maria Lúcia Dal Farra e Alicia Salomone.

Com este estudo pretendo identificar as possíveis e prováveis aproximações entre a biografia e a produção literária das poetisas.

Palavras chave: Poesia, amor, dor, transitoriedade.

## RESUMEN

Este trabajo se propone a analizar aspectos contextuales convergentes, presentes en la vida y obra y articulados en el lenguaje poético de Florbela Espanca y Alfonsina Storni. Para tanto, procede a una revisión bibliográfica de la obra de las poetisas con foco en sus contextos socioculturales y en la similitud de los respectivos desenlaces personales.

También analiza de que manera el amor es percibido e expresado por medio de sus poemas, buscando desplegar, entre otros aspectos, cuál es su visión de mundo y cómo entienden la transitoriedad del ser humano.

Como aporte teórico utilizamos, entre otros, a Maria Lúcia Dal Farra y Alicia Salomone.

Con este estudio busco desentrañar los posibles y probables acercamientos entre la biografía y la producción literaria de las poetisas.

Palabras llave: Poesía, amor, dolor, transitoriedad.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiríssimo lugar a Deus, pela sagrada oportunidade de crescimento e aprendizado.

Aos meus pais Dario (in memoriam) e Serlei, pelo esforço, dedicação, cuidado e amor incondicional.

À minha esposa Tatiane e meus filhos Gabriela e Eduardo, pelo amor, carinho, dedicação, paciência e por me ensinarem tanto.

Aos meus irmãos, sobrinhos e demais familiares pela torcida e envio de energias positivas.

À professora Jane Tutikian, pelo exemplo de competência e seriedade, pela gentileza de abrir-me as portas do universo acadêmico através de sua orientação segura e profissional.

À querida amiga Carmem Janice e à estimada colega Luiza Pabst pela generosidade e competente assessoria técnica.

Ao caríssimo amigo Gevago Prescendo, bacharel em violão por esta Universidade, por emprestar-me seu grande talento na defesa deste trabalho.

A todos os amigos, próximos ou distantes que, pelo apoio, exemplo ou incentivo, de alguma forma contribuíram para essa conquista.

Aos demais professores, colegas e funcionários da UFRGS pela amizade e conhecimentos compartilhados ao longo desses cinco anos de convívio.

Por fim, à Florbela Espanca e Alfonsina Storni, poetisas brilhantes e almas diferenciadas que nos legaram obras tão grandiosas.

Busco aqui, nessas palavras tortas, alcançar o teu mundo, abrir tuas portas. Depois do vazio, de tanta espera, onde a primavera? Cadê a beleza? Me sinto sem rumo, um vaso na mesa. Perdido assim, neste instante infinito, me falta a voz, me prende este grito. E esse desespero, e essa tua falta, me surge em pedaços, em flashes sem cor, e eu sigo esta busca, talvez eu te encontre, no mar, no horizonte, num beijo de amor!

(Gilmar R. Pacheco)

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	08
2. FLORBELA E ALFONSINA: DUAS MULHERES, UM SÓ TEMPO	10
2.1 BIOGRAFIA DE FLORBELA ESPANCA	11
2.2 ANÁLISES CRÍTICAS SOBRE A OBRA FLORBELIANA	15
2.3 ASPECTOS DA OBRA DE ALFONSINA STORNI	18
2.4 BIOGRAFIA DE ALFONSINA STORNI	19
3. A PERCEPÇÃO DO AMOR NA POESIA DE FLORBELA E ALFONSINA	26
3.1 FLORBELA E O AMOR	26
3.2 O DONJUANISMO NA OBRA DE FLORBELA	29
3.3 ALFONSINA E O AMOR	34
4. DESENCONTROS DE DUAS MULHERES À FRENTE DE SEU TEMPO	38
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51
ANEXOS	54

## 1. INTRODUÇÃO

A origem deste trabalho está diretamente ligada a duas canções que fazem parte de minhas preferências musicais há muito tempo. A primeira é "Fanatismo", lindo soneto de Florbela Espanca, musicado e interpretado por Raimundo Fagner no ano de 1981; a outra é "Alfonsina y el mar", canção composta pelos argentinos Ariel Ramírez e Félix Luna, publicada pela primeira vez em 1969, no álbum "Mujeres argentinas", de Mercedes Sosa.

"Fanatismo" me impressionou desde a primeira audição; são versos que revelam uma alma inundada de sentimento, que percebe o ser amado – seja ele real ou imaginário - em sua totalidade, como 'princípio e fim'. Algo semelhante aconteceu com "Alfonsina y el mar", uma das mais belas interpretações da inesquecível Mercedes Sosa. Após ouvi-la várias vezes, senti vontade de saber mais sobre a mulher que tinha inspirado tão bela canção. Pesquisando, descobri tratar-se de Alfonsina Storni, poetisa argentina (embora nascida na Suíça) contemporânea da portuguesa Florbela.

Ao estudar literatura portuguesa interessei-me bastante pela vida e obra de Florbela Espanca. Tempos depois, acessando algumas poesias de Alfonsina Storni, percebi intuitivamente entre elas uma espécie de elo, uma 'energia comum' retratada em suas obras e principalmente em suas histórias de vida e, também, como veremos, de morte. Passei então a elaborar esta análise baseado, sobretudo, na biografia e na produção literária destas duas mulheres geniais.

O primeiro capítulo, intitulado Florbela e Alfonsina, duas mulheres, um só tempo, apresenta o contexto sociocultural em que ambas encontram-se mergulhadas, identificando aspectos biográficos e acontecimentos marcantes em suas trajetórias.

O segundo capítulo, que tem como título A percepção do amor na obra de Florbela e Alfonsina, estabelece uma análise de como as autoras percebem

e expressam o amor através de seus poemas. Paixão, sedução, desejo, erotismo, sensualidade, vaidade e outros sub-temas relacionados ao amor são descortinados nesta análise.

Por fim, o terceiro e último capítulo, denominado Desencontros de duas mulheres à frente de seu tempo, faz uma junção dos aspectos abordados nos dois primeiros capítulos, agregando um olhar mais focado nas dores e desilusões experimentadas em suas trajetórias – e expressadas em seus poemas - as quais culminaram nos respectivos desfechos suicidas.

O caminho que utilizo para entender e analisar as obras de Florbela Espanca e Alfonsina Storni são seus próprios poemas. Para tanto, utilizei como aporte teórico Maria Lúcia Dal Farra e Alicia Salomone, bem como várias contribuições presentes nas *Obras Completas de Florbela Espanca*, volumes I e II, compilação, leitura e notas de Rui Guedes; obras de Agustina Bessa-Luís, Antônio J. Saraiva, Cristina Duran, Hênio Tavares, José Carlos Seabra Pereira e Jussara Neves Rezende. Também foi analisada a *Antologia Poética de Alfonsina Storni*, bem como obras de, Helena Percas, Hugo Retamar, Juan Pinto e María Teresa Orozco.

O objetivo deste trabalho é identificar as similitudes existentes entre a biografia das poetisas e suas produções literárias.

Escrever sobre Florbela e Alfonsina, duas mulheres à frente de seu tempo, é um grande desafio.

## 2. FLORBELA E ALFONSINA: DUAS MULHERES, UM SÓ TEMPO.

“E onde está o grande escritor que não deixasse, sangrando por toda a sua obra, farrapos da própria vida?”<sup>1</sup>

Estive em Portugal pela primeira vez em fevereiro de 1995. O país lusitano estava às vésperas de passar pelo seu quinto trauma (conforme Eduardo Lourenço), ou seja, a entrada na Comunidade Europeia. A moeda ainda era o Escudo, as dificuldades econômicas existiam, mas a recessão ainda não assustava tanto quanto atualmente. Minha expectativa era enorme, afinal, era a primeira vez que eu poria meus pés no Velho Continente. Não entendia muito bem porque alguns companheiros de viagem ironicamente diziam que chegaríamos ‘à porta da Europa’.

Fiquei completamente apaixonado pelo país e visitei todas as regiões de Portugal, do Algarve ao Alentejo. Além de Coimbra, Lisboa, Porto, Leiria, Braga, Fátima, Aveiro, Estoril, Sintra e Faro, talvez as principais e mais conhecidas, estive em inúmeras cidadezinhas como Alcobaça, Águeda, Batalha, Conímbriga, Montemor-o-Velho, Trás-os-Montes; conheci vários vilarejos e algumas ‘Quintas’ (inclusive a Quinta das Lágrimas, no Paço de Santa Clara, em Coimbra, onde Dona Inês de Castro<sup>2</sup> foi morta). Ainda sou capaz de lembrar a emocionante narração da história, feita pelo nosso ‘guia turístico’ Miguel, um garoto de oito anos de idade. A precisão e riqueza de detalhes de sua narrativa foram impressionantes.

Visitei diversos mosteiros e monumentos, mas hoje lamento não ter ido a dois lugares: Évora e, particularmente, Vila Viçosa. Tivesse eu lido as obras de Florbela antes e lá com certeza eu também teria ido. Sem conhecer quase nada da história e da literatura portuguesa, tive contato, ainda que empiricamente, com uma parte significativa do espírito melancólico, formal e

---

<sup>1</sup> Júlio Dantas no Prólogo de *Viagens na Minha Terra*, de Almeida Garrett. Porto, 1963.

<sup>2</sup> D. Inês de Castro, amante de D. Pedro I, futuro Rei de Portugal, assassinada em 1355 a mando de D. Afonso IV, pai de D. Pedro. Foi legitimada rainha *post-mortem*, pela declaração de Cantanhede.

muito saudosista do povo português. Essa experiência certamente me ajudou a entender um pouco melhor o conturbado *universo florbeliano*<sup>3</sup>.

## 2.1 BIOGRAFIA DE FLORBELA ESPANCA

No princípio da madrugada de 08 de dezembro de 1894, nasce em Vila Viçosa, região do Alentejo, Portugal, Florbela d'Alma da Conceição Espanca, na casa de sua mãe, Antônia da Conceição Lobo. O pai, o republicano João Maria Espanca, casado com Mariana do Carmo Ingleza, providenciará para que a esposa se torne madrinha de batismo da filha, oferecendo-lhe como padrinho o amigo Daniel da Silva Barroso.

Embora nos registros da Igreja Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, Florbela conste como “filha ilegítima de pai incógnito”, será a menina criada pelo pai e pela madrasta desde o nascimento. Igual procedimento terá João Maria para com Apeles, único irmão da poetisa, filho da mesma mãe e do mesmo pai, que vai nascer em 10 de março de 1897. Assim como Florbela, Apeles será registrado “filho ilegítimo de pai incógnito”.

Florbela entra para o curso primário em 1899. Em 1903, aos sete anos, escreve seu primeiro poema, intitulado ‘A Vida e a Morte’. Desde o início é muito clara sua precocidade e preferência por temas sombrios e melancólicos. Em 1908, Antônia Conceição, sua mãe, falece. Florbela então ingressa no Liceu de Évora, onde permanece até 1912, fazendo com que a família se desloque para essa cidade. Foi uma das primeiras mulheres a ingressar no curso secundário, fato que não era visto com bons olhos pela sociedade e pelos professores do Liceu. No ano seguinte casa-se, no dia de seus 19 anos, com Alberto Moutinho, colega de estudos. O casal mora em Redondo até 1915, quando regressa à Évora devido a dificuldades financeiras. Passam a morar na casa de João Maria Espanca.

---

<sup>3</sup> Relativo à vida e obra da poetisa portuguesa Florbela Espanca.

Voltando a Redondo em 1916, Florbela reúne uma seleção de sua produção poética e inaugura o projeto Trocando Olhares, coletânea de 88 poemas e três contos. O caderno que deu origem ao projeto encontra-se na Biblioteca Nacional de Lisboa, contendo uma profusão de poemas, rabiscos e anotações que seriam mais tarde ponto de partida para duas antologias, onde os poemas, já devidamente esclarecidos e emendados, comporão o *Livro de Mágoas* e o *Livro de Sóror Saudade*.

Regressando a Évora em 1917, a poetisa completa o 11º ano do Curso Complementar de Letras, e logo após ingressa na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa. Após um aborto involuntário, se muda para Quelfes, onde apresenta os primeiros sinais sérios de neurose. Seu casamento se desfaz pouco tempo depois.

Em junho de 1919, publica o *Livro de Mágoas*, alcançando relativo sucesso. No mesmo ano passa a viver com Antônio Guimarães, casando-se com ele em 1921. Logo depois, Florbela passa a trabalhar em um novo projeto que a princípio se chamaria *Livro do Nosso Amor* ou *Claustro de Quimeras*. Por fim, torna-se o *Livro de Sóror Saudade*, publicado em janeiro de 1923.

Após mais um aborto, separa-se pela segunda vez, o que faz com que sua família deixe de falar com ela por quase dois anos. Essa situação a deixa muito abalada. Em 1925 casa-se com Mário Lage e passa a morar com ele, inicialmente em Esmoriz e depois na casa dos pais de Lage em Matosinhos, no Porto.

Passa a colaborar no semanário D. Nuno em Vila Viçosa, no ano de 1927, com os poemas que comporão seu próximo livro, *Charneca em Flor*. Em carta ao diretor do D. Nuno fala da conclusão de *Charneca em Flor*, e informa sobre a preparação de um livro de contos, provavelmente *O Dominó Preto*.

A relação de Florbela com o único irmão, Apeles Demóstenes da Rocha Espanca, tem sido motivo de análise comum a quase todos os estudiosos da vida da poetisa. Aos olhos de alguns de seus contemporâneos, e de muitos de seus antipatizantes, Florbela mantinha com o irmão uma relação de caráter incestuoso, o que não parece ter um fundo de verdade.<sup>4</sup>

Apeles era quem lhe estava intelectualmente mais próximo e, simultaneamente, representava o elo com a infância e o ponto de apoio firme da poetisa. Quando oscilava entre um sentimento de desvalorização de si própria, (expresso nos seus lamentos e ansiedade), e o desejo de ser valorizada (através do reconhecimento das suas obras), era a influência de Apeles que a reconduzia ao equilíbrio.

Abaixo, transcrevo uma carta enviada por Florbela ao irmão Apeles, informando-o de sua decisão de separar-se de Antônio Guimarães, seu segundo marido e passar a viver com o médico Mario Pereira Lage, o que ocorreu de fato no ano de 1924 e oficialmente, em 1925.

Carta de Florbela ao irmão Apeles, em 29 de dezembro de 1923, conforme carimbo do correio.

Meu querido irmão

Certamente te irá surpreender e penalizar a minha carta, mas entendo que é melhor dizer-te eu própria tudo o que há de novidade, em vez de deixar que aos teus ouvidos cheguem malevolências que te podem dar de mim uma ideia errada e injusta. Eu deixei que tivesses da minha vida uma certeza de felicidade que ela de forma alguma possuía, nunca me ouviste uma queixa, nunca ninguém me viu uma lágrima, e no entanto a minha vida de há dois anos foi um calvário que me dá direito a ter razão e a não me envergonhar de mim. Sofri todas as humilhações, suportei todas as brutalidades e grosserias, resignei-me a viver no maior dos abandonos morais, na mais fria das indiferenças, mas um dia chegou em que eu me lembrei da vida que passava, que a minha bela e ardente mocidade se apagava, que eu estava a transformar-me na mais vulgar das mulheres, e por orgulho, e mais ainda por dignidade, olhei de frente, sem cobardias nem fraquezas, o que aquele homem estava a fazer da minha vida, e resolvi liquidar tudo simplesmente, sem um remorso, sem a mais pequena mágoa. Estou a divorciar-me e para me casar novamente, se a lei mo permitir, ou para viver assim, se a moralidade do Código o exigir. Dois anos lutei em vão para fugir a um amor que

---

<sup>4</sup> É interessante observar como algumas pessoas preferem deturpar um lindo amor a acreditar nele. Em minha opinião, a história nos mostra que ela o amava com o mais puro amor do mundo, um amor de mãe, da irmã que assumira este papel.

estava a encher-me toda, e este que encontrei agora orgulho-me dele pois é um ser único, como eu esperava encontrar, enfim, na vida. Tudo quanto me digas não é a décima parte do que eu me tenho dito. Pensei na sociedade, pensei na família, nos amigos, e principalmente em ti, mas que queres? Eu não podia sacrificar-me a isso tudo que é muito, mas que nada é comparado a isto que eu sinto e que eu antes queria morrer do que perder. Por isso não me digas nada, para quê? Pensa de mim o que quiseres, que eu estou disposta a aceitar tudo contanto que uns olhos me vejam sempre a melhor, a única entre todas as outras. Que importa o resto? Para ti serei sempre a mesma, a irmã muito amiga de quem podes dispor em toda a minha vida; para os outros morri; que me enterrem em paz, que não pensem mais em mim e é tudo o que eu desejo. Gostava de saber de ti, mas se tu não quiseres mais lembrar-te que eu existo, adeus até um dia que tu queiras, pois serei sempre a mesma, a tua Bela.

Em 1927, Apeles, então primeiro tenente da marinha portuguesa, decide ingressar no curso de piloto-aviador. Pânico e desequilíbrio instalam-se na vida de Florbela quando, a seis de junho, seu irmão sofre grave acidente<sup>5</sup> e falece, vítima da queda, no rio Tejo, do hidroavião que pilotava. Desse violento golpe resulta um agravamento da doença de Florbela, que entra em uma fase de profunda depressão, a ponto de tentar o suicídio por três vezes num curto período de tempo. Passa a escrever apenas alguns poemas dedicados à memória do irmão, como o citado abaixo, além do conjunto de contos '*As máscaras do destino*', publicado postumamente em 1931.

Voo quebrado – (homenagem a Apeles)

Não tenhas medo, não! Tranquilamente,  
Como adormece a noite pelo outono,  
Fecha os olhos, simples, docemente,  
Como à tarde uma pomba que tem sono...

Em junho de 1930 a poetisa recupera um pouco do entusiasmo ao receber um contato do professor italiano Guido Battelli, interessado na edição de um livro de poesias, (que acabaria recebendo postumamente o nome de *Charneca em Flor*). Com o ânimo melhorado, Florbela passa a colaborar nas revistas *Portugal Feminino* e *Civilização*.

---

<sup>5</sup> Conforme GUEDES (1987,p.161), a morte do oficial aviador talvez não tenha sido um acidente, visto que, alguns meses antes do ocorrido, abalado pela morte de sua noiva Maria Augusta de Vasconcellos, em janeiro de 1926, Apeles enviou à Florbela uma carta na qual anunciava sua intenção de cometer suicídio.

Pouco tempo depois, porém, Florbela recebe o diagnóstico de um edema pulmonar e perde ainda mais a vontade de viver. Na quarta tentativa de suicídio (através da ingestão de dois frascos do barbitúrico Veronal), não resiste. Falece em Matosinhos (Portugal) no dia de seu aniversário, às duas horas do dia 08 de dezembro de 1930, quando completava apenas 36 anos de idade.

Em seu diário, seis dias antes de sua morte, deixou gravadas as seguintes palavras: “e não haver gestos novos nem palavras novas”!

Como podemos depreender de sua frase, para Florbela tudo se havia gasto, até as palavras. O amor, aquela fonte de poesia onde germinava a raiz de cada verso, também secou, como uma árvore esquecida.

A poetisa deixou uma carta confidencial com as suas últimas disposições, entre elas, o pedido de colocar junto ao seu caixão os restos do avião pilotado por Apeles. O corpo dela jaz, desde 17 de maio de 1964, no cemitério de Vila Viçosa, sua terra natal.

## 2.2 ANÁLISES CRÍTICAS SOBRE A OBRA FLORBELIANA

Segundo Bessa-Luís:

(...) desde criança Florbela foi tocada pelo medo de mudanças, do mecanismo do envolvimento nas modificações da vida: Aos oito anos já escreve versos e discursa à moda dos comicieiros da terra. ‘A minha dor é um convento’ – diz, e procura obter, por intermédio da poesia, proteção contra o mundo exterior. (BESSA-LUÍS, 1976, p. 21)

Conforme Hunhoff:

(...) Florbela parte do Decadentismo, predominante em Portugal à época, para aos poucos apresentar traços expressionistas e pitorescos do Neo-Romantismo português. Assim, incursiona por caminhos diferentes: tendências jubilosas, hedonistas e sensuais. Enquanto a literatura portuguesa seguia para o Modernismo, Florbela estacionava no Neo-Romantismo. (HUNHOFF, 2008, p. 56)

Segundo Tavares, (1991), o Decadentismo português foi um movimento que surgiu por volta de 1880 devido às críticas feitas por Paul Bourget à poética de Baudelaire, onde caracterizava de decadentes as obras que traziam aspectos mórbidos em suas criações e que estavam perpassadas de pervertido misticismo.

A herança deste movimento é bastante clara na obra florbeliana que refletia os valores culturais do começo do século, além de aspectos simbolistas. Todavia, sem um contato mais estreito com as tendências em voga, manteve-se alheia às revoluções do Modernismo português representadas pelo Orfismo<sup>6</sup> e, mais adiante, pelo Presencismo.<sup>7</sup>

#### Segundo Saraiva:

O Simbolismo constituiu uma corrente importada e pouco definida entre os portugueses. Os temas do sonho evasivo, da intuição vidente, da mística oculta e os textos cheios de símbolos, de sinestésias, tenderam a diluir-se entre os diversos ramos literários da época, em uma sociedade ainda muito agrária, cuja proclamação da República ocorrerá em 1910, com uma bifurcação de correntes: passadistas como o neogarretismo, lusitanismo, nacionalismo e integralismo; e por outro lado a renascença portuguesa e o saudosismo'. (SARAIVA, 1966, p. 960)

Ainda conforme Saraiva (1996), Florbela Espanca é uma das notáveis personalidades líricas isoladas, pela intensidade de um emotivo erotismo feminino(...). Criou uma obra extremamente pessoal, distinguindo-se de grandes escritores portugueses de sua época: Fernando Pessoa, Mário de Sá Carneiro (embora seja com ele que melhor se aparenta), José Régio, entre outros.

Florbela Espanca vive em um período de profundas transformações sociais, entre elas a queda da Monarquia e a ascensão da República. O povo português, perplexo, passa por grandes frustrações ao ver sua história sofrer

---

<sup>6</sup> Fernando Pessoa e Mário de Sá Carneiro foram os mais famosos participantes da *Revista Orpheu*, que deu origem à primeira geração do Modernismo português no movimento conhecido como Orfismo (1915), ou, geração Orpheu.

<sup>7</sup> O Presencismo, (1927 a 1935), representou o segundo movimento do Modernismo português e teve seus ideais veiculados pela *Revista Presença*. Seus principais nomes foram José Régio, Branquinho da Fonseca e Miguel Torga.

enormes abalos. Aos poucos foi-se instaurando a ditadura salazarista que de certa forma desnordeou os intelectuais daquele país. Segundo Dal Farra:

Florbela Espanca publicou em vida apenas dois volumes de poesia – O livro de Mágoas, em 1919 e O livro de SÓror Saudade, em 1923. Quando escreve este último, a poetisa portuguesa já tem consolidada a sua ‘dicção própria’, por assim dizer, que chegará ao seu ponto mais alto em ‘Charneca em Flor’ e ‘Reliquiae’ (obras póstumas), onde seus poemas atingem elevada pureza expressiva e uma enorme força comunicativa. (DAL FARRA, 2002, p.37)

Florbela tem sua vida biografada em inúmeros textos, da infância aos casamentos, enfocando neuroses e desajustes sociais, fatos que mostram a notória ação de ser impelida para a obscuridade. Porém, após seu suicídio, houve uma enorme valorização do seu donjuanismo feminino, que sensualizava e erotizava a sua obra poética.

Conforme Dal Farra (1999), Florbela tornou-se lida após sua morte em função do escândalo que sua obra e sua biografia causaram junto aos salazaristas, pregadores da moralidade: “num contexto social onde sobressai a moral pudibunda, impera o nariz torcido do bom comportamento salazarista”.

Ainda antes disso, quando saiu a edição de seu segundo livro, com menor repercussão, já sofria a ojeriza desses leitores, tendo em consideração o modelo de mulher que eclode desses versos contra os apertados horizontes ditados pela moral em voga. Em 1923, o jornal A Época publicou uma crítica endereçada a Florbela na qual solicitava que a poeta ‘purificasse com carvão ardente’ os seus lábios, literariamente manchados, e que ‘pedisse perdão a Deus’ pelo mau emprego que fizera dos dotes recebidos.

Para Dal Farra (1999), a relutância à obra da autora também se deu devido a fatores regionais que encarnam mitos alentejanos. Seu nome está ligado a questões do social feminino, assim como a espera pelo príncipe encantado: mulher encarcerada em si mesma. Mulher indecisa entre a monja e a amante, vive à mercê de se transformar na dominação que o mundo masculino lhe confere, o que aponta para o vazio da própria identidade feminina.

Outra característica marcante da obra florbeliana é a dispersão. Nesse sentido, ainda segundo Dal Farra (1999), essa mulher, então confusa e atormentada, é a Princesa desalento, a Maria das quimeras, Sórora saudade. É a Castelã da tristeza, cujas imagens transitam entre o anjo e o demônio; de Diana, a caçadora, à Vênus, a sedutora – sem no entanto se decidir por uma só.

Florabela ostenta em sua obra que a identidade feminina está disponível, é lugar vago pois padece do feitiço da nomeação masculina. Sua identidade emana do homem, do príncipe encantado tão aguardado, transformado num Dom Sebastião a romper as brumas do tempo. Para Dal Farra, Florabela é como Inês, que foi rainha somente depois de morta.

Em vida, foi ignorada quase que completamente pelo público leitor e pela crítica, tendo sido compreendida apenas por seus pares: Américo Durão, Botto de Carvalho, Raul Proença, Madame Carvalho, Júlia Alves e, em 1930, Guido Battelli, na época em visita à Universidade de Coimbra, o qual se oferece para publicar suas últimas produções, encantado com as próprias versões que, de alguns poemas, publicara na Itália.

### 2.3 ASPECTOS DA OBRA DE ALFONSINA STORNI

Enquanto isso, na Argentina do início do século XX, diversas produções registram o grande impulso discursivo-literário de textos produzidos por mulheres hispano-americanas. Dentre elas, a poetisa Alfonsina Storni será ponto de referência e modelo a ser seguido por escritoras e mulheres tanto de sua época como de outras vindouras.

Alfonsina Storni pertence a uma época intermediária, esteticamente, entre o modernismo e a vanguarda hispano-americana. Esse momento, além de trazer inovações, também expressa muito do que o modernismo considerava “turbulência criadora da vanguarda poética”.

Conforme Salomone:

“nesse momento histórico cresce qualitativa e quantitativamente o discurso feminino, empunhando o estandarte da mulher que, além de guardadora, que cuida da casa e da prole, é indivíduo público e pensante. Não é estranho, então, que a denominada voz feminina seja tão representativa a partir da primeira década do século XX, e que, na primeira fila, destaque-se, como iniciadora na poesia, Alfonsina Storni, junto a nomes como Delmira Agustini, Juana de Ibarbourou, Gabriela Mistral, Eugenia Vaz Ferreira e Dulce María Loynaz”. (SALOMONE, 2006, p. 117)

No entender de Retamar (2004), Alfonsina surge como uma onda de renovação. É alguém que mostra, desde seus primeiros versos, uma alma sensível exposta à crítica de uma Buenos Aires machista e cruel, sobretudo com uma mulher que vai ao encontro da vida, sem medo de expressar o que quer. Sua aparência frágil, pequena; seus olhos azulados às vezes encobertos pelo cabelo dourado e ondulado que emoldurava seu rosto jovem, fala a todos que a conhecem exatamente o contrário de seu caráter forte e resoluto, de sua inteligência e sua força de mulher viva, enamorada da vida e da morte, mas, sobretudo da liberdade.

#### 2.4 BIOGRAFIA DE ALFONSINA STORNI

Alfonsina Storni Martignoni não nasceu na Argentina. Foi em 29 de maio de 1892, em Sala Capriasca, na Suíça italiana, que a poetisa veio ao mundo<sup>8</sup>. Alfonsina nasceu no mar, a bordo do barco em que viajavam seus pais.

Alfonso Storni e Paulina Martignoni, seus pais - imigrantes suíços de origem italiana - foram tentar a sorte na Argentina, como faziam muitos de seus compatriotas, tendo estabelecido moradia na província de San Juan. No ano de 1891, devido a problemas de saúde (forte melancolia e alcoolismo) enfrentados pelo senhor Alfonso, a família regressa à Suíça já então com dois filhos Argentinos. Alfonsina, diferentemente de seus irmãos, nasce então em terras suíças - onde permanece até os quatro anos de idade - quando a família decide voltar ao país sul-americano.

---

<sup>8</sup> A esse respeito é importante ressaltar que a poetisa não gostava quando lhe diziam que não era argentina, fato que a levou a naturalizar-se no ano de 1920.

Desde muito cedo, a pequena Alfonsina demonstrava impulsos diferentes das demais meninas de sua época, era muito imaginativa e criativa, adorava inventar contos. Aos professores mentia, dizia que levava uma vida prodigiosa, os convidava a passar férias na maravilhosa fazenda de sua família, que na verdade não existia.

Por volta dos onze anos de idade, já residindo na cidade de Rosário de Santa Fé, um próspero porto do litoral, acompanha os sérios problemas financeiros atravessados por sua família, agravados principalmente após o fracasso de um novo projeto familiar, o “Café Suízo”. Junto com a adolescência e o trabalho como costureira ajudando a mãe em casa, surgem a intuição poética e as primeiras poesias que falam, sobretudo, de mortes e de cemitérios.

Com a morte de seu pai, em 1906, a situação familiar fica ainda mais complicada. Decide então trabalhar como operária em uma fábrica de gorros. Lá, fica conhecida pelo bom humor e pelo engajamento na luta por reivindicações sociais.

Em 1907, ocorre um fato que mudaria sua vida de forma substancial. Após realizar suas primeiras experiências como atriz na companhia teatral de Manuel Cordero, onde inclusive sua mãe, Paulina, também atua em algumas peças locais, é convidada pelo diretor a substituir uma atriz que adoecera e recebe muitos aplausos por sua atuação. Tempos depois, vê chegar a Rosário a Companhia de Teatro de José Tallaví. Alfonsina, encantada com a novidade, assiste a alguns ensaios e apresentações até que é convidada pelo diretor a fazer parte do seu corpo de atores.

Decide tornar-se atriz e convence sua mãe a deixá-la viajar com a trupe em longa *tournee* pelo interior da Argentina, um verdadeiro escândalo para a sociedade conservadora da época. Apresenta-se em Santa Fé, Córdoba, Mendoza, Santiago del Estero e Tucumán, representando peças como ‘Espectros’, de Ibsen, ‘La loca de la casa’, de Pérez Galdós, e ‘Los muertos’, de Florencio Sánchez.

Em suas cartas ao filólogo espanhol Julio Cejador, Alfonsina resume alguns momentos de sua vida. Ao referir-se a essa época diz que:

“(...) aos treze anos de idade estava no teatro. Este salto brusco, fruto de uma série de casualidades, teve uma grande influência sobre minha atividade sensorial, pois me pôs em contato com as melhores obras do teatro contemporâneo e clássico (...) mas quase uma menina e já parecendo uma mulher<sup>9</sup>, a vida se fez insuportável pra mim. Aquele ambiente me afogava, mudei de rumos...”<sup>10</sup>. DELGADO, (2011, p. 36)

Mais tarde, em uma reportagem da revista ‘*El Hogar*’, revela que ao retornar escreveu sua primeira obra de teatro, ‘*Un corazón valiente*’, da qual não ficaram registros.

Quando retorna a Rosario, descobre que sua mãe casara-se novamente e fora viver em Bustinza. Alfonsina, após morar um tempo com a mãe, irmãos e padrasto, decide ingressar na Escola Normal Mista de professores rurais de Coronda, onde mais tarde receberá seu título profissional.

Nesta época, vive em uma pensão e para custear os gastos começa, secretamente, a cantar aos finais de semana em um teatro de bairro da cidade. Certamente que já está outra vez transgredindo regras sociais e à mercê dos comentários provincianos a respeito de sua conduta.

A poetisa ressentia-se da falta de liberdade e da profunda má fé do povo de Rosario, o que a deixa profundamente entristecida. Contudo, formada professora, vai aos poucos ganhando lugar de destaque na comunidade escolar e vincula-se a duas revistas literárias, ‘*Mundo Rosarino*’ e ‘*Monos y Monadas*’, onde aparecem publicados seus poemas. Aos dezenove anos torna-se vice-presidente do Comitê Feminista de Santa Fé.

Em 1911 conhece e apaixona-se pelo jornalista e ex-deputado distrital, Carlos Arguimbau, homem casado e vinte e quatro anos mais velho do que ela.

---

<sup>9</sup> Alfonsina foi assediada sexualmente e quem a protegia era o dono da Companhia, e amigo de sua mãe, José Tallaví.

<sup>10</sup> Tradução minha.

Vivem juntos um caso amoroso muito intenso, entretanto, quando Alfonsina lhe comunica que está grávida, ele rompe com ela, procurando preservar seu casamento e sua reputação.

Ao término de 1911, a gravidez ilegítima a faz mudar-se para a capital Buenos Aires, levando na bagagem escassas e surradas roupas, alguns livros de Rubén Darío e seus poemas. Na cidade grande e em expansão, o nascimento de seu filho Alejandro Alfonso Storni, em 21 de abril de 1912, marca - aos vinte anos de idade - a atitude de uma mulher que enfrenta sozinha as consequências de suas decisões. Após tentar (e não conseguir) emprego como professora, vai trabalhar como caixa em uma farmácia e mais tarde em uma casa de comércio, onde escreve seu primeiro livro de versos, '*La inquietud del rosal*', publicado com grandes dificuldades financeiras em 1916.

Muito tempo depois, no ano de 1938, em sua última conferência proferida em Montevideu, ao lado da poetisa chilena Gabriela Mistral e da uruguaia Juana de Ibarbourou, fez importante revelação sobre esta obra:

“Clavada en mi sillón, al lado de un horrible aparato para imprimir discos, dictando ordenes y correspondencias a la mecanógrafa, escribo mi primer libro de versos. Dios te libre amigo mío de '*La inquietud del rosal*'!...Pero escribí para no morir.” STORNI apud OROZCO, (1940, p. 254)

Quando diz que escrevia para não morrer, começamos a perceber a alma da poetisa, ou seja, sua realidade que não é dita. Escrever para ela era a outra opção que não a morte, ou seja, era o que a fazia sentir-se viva e capaz de suportar as difíceis condições em que vivia. Embora os primeiros versos sejam de qualidade apenas digamos 'aceitável', surpreende sua capacidade de 'olhar-se por dentro', algo que até então não era comum entre os poetas de sua geração.

La inquietud del rosal.

El rosal en su inquieto modo de florecer  
Va quemando la savia que alimenta su ser  
Fijaos en las rosas que caen del rosal:  
¡Tantas son que la planta morirá de este mal!  
El rosal no es adulto y su vida impaciente  
Se consume al dar flores precipitadamente

(STORNI,1956, p. 09)

Uma inquieta Alfonsina nos diz que a roseira tem uma quantidade enorme de seiva que a alimenta, tem ânsia de viver, não é adulta, é impaciente. As rosas caem e ninguém as apanha, ninguém as desfruta, e são tantas que acabam por apodrecer a planta inteira.

Foi, sem dúvida, algo novo no ambiente literário argentino e como tal, sofreu duras críticas, mas, também, vários elogios. Passaram a aparecer convites para que participasse de revistas, semanários e escrevesse alguns editoriais, nos quais passou a colaborar utilizando o pseudônimo de Tao-Lao (caminho antigo em chinês), que no entanto logo abandonou.

O livro abriu também outras portas a Alfonsina. Vincula-se ao grupo intelectual da revista '*Nosotros*', dirigida por Roberto Giusti e composta, entre outros, por Manuel Gálvez, Arturo Capdevilla e José Ingenieros. Pela primeira vez uma mulher passa a tomar parte nos salões poéticos até então exclusividade de poetas, intelectuais e escritores do sexo masculino. Apesar de começar timidamente, aos poucos a nova convidada passa a dominar os temas ali discutidos e deslumbra os presentes com suas análises precisas e suas frases paradoxais.

A personalidade marcante e independente de Alfonsina, agregada ao vigor de seus versos, logo a convertem numa promessa da poesia argentina.

Em 1918 publica seu segundo livro, '*El dulce daño*', onde demonstra com muita força a sede de amor e de vida que habita sua dolorida alma feminina. Neste segundo livro, o homem, a cidade e a sociedade lhe pesam. Ela se ressentida pela incompreensão, pelo desrespeito, pela intolerância e pela falta de amor e de liberdade que presencia no ambiente social em que está inserida. As mentes 'curtas' e sem espaço para a mudança não apresentam novas ideias e, quando estas surgem, ainda que timidamente, vêm em 'filas', seguindo padrões arraigados.

Em 1919 Alfonsina publica seu terceiro livro, '*Irremediablemente*', no qual mantém o tom de protesto e busca de mudanças.

Quando escreve '*Irremediablemente*', Alfonsina já é reconhecida como grande poetisa argentina, é professora de literatura e declamação em institutos privados, além de ser 'maestra dependiente del Estado'<sup>11</sup>. Além disso, assina uma coluna semanal na revista '*La Nota*'.

Seu próximo livro, '*Languidez*', veio em 1920 juntamente com o reconhecimento do público e os primeiros prêmios de poesia. Torna-se ainda mais conhecida e começa a dar conferências na Universidade de Montevideú. O entusiasmo por Alfonsina cresce a ponto de ser reconhecida por alguns como a poetisa mais completa da América.

Segundo a poetisa, '*Languidez*' é uma obra dedicada àqueles que, assim como ela, não realizaram nenhum de seus sonhos. Apesar de ser um trabalho reconhecidamente 'mais maduro', segue com temas recorrentes de melancolia e desilusão.

A obra poética de Alfonsina continua repleta da subjetividade já característica, embora ela mesma tenha confessado o objetivo de mudar os rumos de sua escrita. Em 1925 lança o livro '*Ocre*', em 1934 nasce '*El mundo de siete pozos*' e, em 1938, '*Mascarilla y Trébol*', além de uma antologia organizada por ela mesma.

Em 20 de maio de 1935 Alfonsina foi operada de um câncer de mama. Em 1937, o poeta Horácio Quiroga, seu grande amigo, suicida-se. A poetisa fica extremamente abalada com o acontecimento e lhe dedica um poema de versos comoventes que pressagia seu próprio final:

---

<sup>11</sup> Professora de escola pública (gerida pelo governo).

Morir como tú, Horacio, en tus cabales,  
Y así como en tus cuentos, no está mal;  
Un rayo a tiempo y se acabó la feria...  
Allá dirán.  
Más pudre el miedo, Horacio,  
que la muerte que a las espaldas va.  
Bebiste bien, que luego sonreías...  
Allá dirán. (DELGADO, 2011)

Em meados de 1938, cansada e abalada com a recidiva do câncer no seio e as fortes dores que a atormentam, Alfonsina vive dias de incerteza e temor. Em 23 de outubro viaja para Mar Del Plata e na madrugada do dia 25 abandona seu quarto e dirige-se ao mar onde, de acordo com a versão romantizada da canção, adentra lentamente até que a água cubra seu corpo por completo. A mulher forte, escritora talentosa, finalmente retornava ao mar, berço de seu nascimento.

Alfonsina está sepultada em um belo mausoléu localizado no Recinto das Personalidades, no cemitério de Chacarita, em Buenos Aires.

### 3. A PERCEPÇÃO DO AMOR NA POESIA DE FLORBELA E ALFONSINA

Para alguém que não encontra seu amor nem seu lugar no mundo, como Alfonsina e Florbela, a vida significa sofrimento e a morte representa a esperança de um novo despertar. Florbela se dizia a dolorida, a crucificada; aquela que passa e ninguém vê, a visão de alguém que sonhou, que veio ao mundo para vê-la, mas que nunca a encontrou. Alfonsina dizia que todos os seus amores foram magros, que na vida só havia encontrado gelo, falsidade e que necessitava de um sol que a beijasse e despertasse toda a vida que se encontrava em seu interior.

#### 3.1 FLORBELA E O AMOR

Amor e Dor, ambos com letra maiúscula, perpassam a obra de Florbela do início ao fim.

O amor, em todas as suas formas – sobretudo a sensual – parece ser a força motriz dessa alma vibrante. Em seus sonetos encontramos uma variedade muito ampla de estados emocionais derivados do amor, desde a exaltação dos sentidos até a expressão de sentimentos puros e elevados. A busca incessante do amor e a incapacidade de encontrá-lo levam o eu lírico à dor, à angústia e à depressão, mas, por outra parte, também ao narcisismo, erotismo, donjuanismo, dispersão e ânsia do absoluto.

Um mês antes de *Charneca em Flor* ter sido publicado pela livraria Gonçalves, de Coimbra, Florbela cometeu suicídio. É neste livro que está incluído o soneto “Amar!”, um dos mais conhecidos.

Amar!

Eu quero amar, amar perdidamente!  
Amar só por amar: aqui... além...  
Mais Este e Aquele, o Outro e toda a gente...  
Amar! Amar! E não amar ninguém!

Recordar? Esquecer? Indiferente!...  
Prender ou desprender? É mal? É bem?  
Quem disser que se pode amar alguém  
Durante a vida inteira é porque mente!

Há uma primavera em cada vida:  
É preciso cantá-la assim florida,  
Pois se Deus nos deu voz, foi pra cantar!  
E se um dia hei-de ser pó, cinza e nada  
Que seja a minha noite uma alvorada,  
Que me saiba perder... pra me encontrar  
(GUEDES,1987, V.II, p.189)

Na obra poética de Florbela Espanca, o amor é visto de uma forma arrebatadora e a busca pelo mesmo é desenfreada, tornando-se necessidade vital.

No poema Amar, a poetisa faz uma alusão ao tempo presente, dando voz a um eu consciente em relação à fugacidade do tempo. Tem-se no soneto a representação de um eu feminino livre das imposições sociais na medida em que expressa sua vontade de poder amar a várias pessoas sem ter que se prender a alguém. Florbela começa o poema com a palavra “Eu”, o que leva à conclusão de que ela narra algo que sente que vem de sua alma feminina. Talvez aí se diga, com boa dose de acerto, de que se trata de uma manifestação do seu donjuanismo feminino.

A presença de iniciais maiúsculas nas palavras “Este”, “Aquele”, e “Outro”, talvez seja uma referência aos seus três casamentos.

Na segunda estrofe, Florbela sugere que o amor não é algo que prende, mas algo que liberta, por isso também é efêmero. Na estrofe seguinte nos diz que “há uma primavera em cada vida” (...) e que “é preciso cantá-la assim florida”. Como se sabe, a primavera pode ser usada como metáfora da juventude. Assim sendo, entendemos que uma das leituras possíveis do poema Amar é de que ele demonstra a representação de uma mulher sensual, ardente, que exterioriza através do poema suas inquietações no que diz respeito às limitações dadas à mulher em seu contexto histórico. Com relação ao erotismo presente na obra de Florbela, Dal Farra explica:

“O que ocorre com o erotismo inicial da sua poética é que quando a poetisa, atormentada pela mordaza social que a impede de manifestar sua libido, se obriga a calar. A energia investida nesse ato de mudez acaba por ocasionar nela uma espécie de astenia física e moral, uma afecção psicológica, a que, acertadamente, ela nomeia ‘neurastenia’. O soneto do Livro de mágoas, que ostenta este título,

dedica-se ao triste destino daqueles que se encontram à mercê do interdito e, neste caso extremo, nem mesmo os elementos da natureza, tão aliados da poetisa, conseguem se desvencilhar da impotência de voz de que também são acometidos, impedidos de expressar, ainda que delegados por ela, aquilo que tanto a oprime. Todavia, em mais de dúzias de poemas dispersos, sobretudo, pelas suas últimas obras, a reivindicação de cio feminino se faz ouvir com todo o seu cortejo de vibrações, de poética dos cinco sentidos, de palheta de colorações as mais vivas, onde o rubro, numa modulação que atinge a púrpura, se oferece como a tonalidade emblemática da paixão”. (DAL FARRA, 2002, p. 97)

#### Volúpia

No divino impudor da mocidade,  
Nesse êxtase pagão que vence a sorte,  
Num frêmito vibrante de ansiedade,  
Dou-te o meu corpo prometido à morte!  
A sombra entre a mentira e a verdade  
A nuvem que arrastou o vento norte...  
-Meu corpo! Trago nele um vinho forte:  
Meus beijos de volúpia e de maldade!  
Trago dalias vermelhas no regaço  
São os dedos do sol quando te abraço,  
Cravados no teu peito como lanças!  
E do meu corpo os leves arabescos  
Vão-te envolvendo em círculos dantescos  
Felinamente, em voluptuosas danças.  
(GUEDES, 1987, V II, p. 195)

Marcados por um erotismo impetuoso, sem qualquer espécie de preconceito ou falso pudor, seus versos desvelam as mais íntimas emoções da alma feminina. O eu lírico oferece seu corpo em um frenesi de sentidos: impressões visuais, gustativas e táteis sobressaem e o corpo transforma-se em vinho, sombra e nuvem. A explosão do desejo é capaz de mudar o destino e de prolongar o tempo, retardando o instante final (neste êxtase pagão que vence a sorte). Beijos de volúpia e de maldade, gestos felinos e as unhas cravadas no peito do amante sugerem certa perversidade dado o caráter de transgressão.

Florbela manteve sempre um grande desprezo à hipocrisia social, às maledicências e às discriminações sexuais que limitavam o espaço da mulher. Muitas passagens de suas obras revelam inclinação para o narcisismo e para, como já foi dito, certo donjuanismo. De acordo com Brunel (1997) apud Aragão, podemos exemplificá-lo através do soneto ‘Passeio ao Campo’, em que o eu lírico feminino procura atrair o ser amado exibindo sua beleza e valorizando-se aos seus olhos:

Passeio ao campo

Meu amor! Meu amante! Meu amigo!  
Colhe a hora que passa, hora divina,  
Bebe-a dentro de mim, bebe-a comigo!  
Sinto-me alegre e forte! Sou menina!

Eu tenho, Amor, a cinta esbelta e fina  
Pele doirada de alabastro antigo  
Frágeis mãos de madona florentina  
Vamos correr e rir por entre o trigo!  
Há rendas de gramíneas pelos montes  
Papoilas rubras nos trigais maduros  
Água azulada a cintilar nas fontes

E à volta, Amor... tornemos, nas alfombras  
Dos caminhos selvagens e escuros,  
Num astro só as nossas duas sombras!  
(GUEDES, 1987, V II, p. 173)

### 3.2 O DONJUANISMO NA OBRA DE FLORBELA

O termo donjuanismo remonta às seguintes origens:

Origem no imaginário: lendas populares e medievais com outras designações: 'don galán', que ia à missa para 'mirar' as damas.

Origem na literatura: teatro '*El burlador de Sevilla y convidado de piedra*' 1630, de Tirso de Molina

Outras ocorrências: Molière, '*Don Juan ou Le festin de Pierre*', 1665, Mozart e Lorenzo da Ponte, *Dom Giovanni*, 1787, José Zorilla, que escreveu, no século XIX, a peça '*Don Juan Tenório*'

Características: preso à figura masculina, poderoso paradigma de sedução masculino, com técnicas e estratégias, quebra de promessas, dinâmica emocional, elogios à mulher, idealização (contra-partida do conquistado).

Diferentes manifestações do donjuanismo na poesia florbeliana:

'Donjuanismo no sentido clássico: o eu lírico fica à espera do homem ideal – uma entidade.

Donjuanismo invertido: o eu lírico assume o papel da conquista.

Donjuanismo existencial/deslocamento: a busca pelo amor, a 'presença da falta', a inconstância, a insatisfação, a necessidade'.

Doce certeza

Por essa vida fora hás-de adorar  
Lindas mulheres, talvez; em ânsia louca,  
Em **infinito anseio** hás de beijar  
Estrelas d'ouro fulgindo em muita boca!  
(...)  
E não te lembrarás de mim sequer!...<sup>12</sup>  
Hás de tecer uns sonhos delicados...  
Hão de por muitos olhos magoados,<sup>13</sup>  
Os teus olhos de luz andam imersos!...  
Mas nunca encontrarás p'la vida fora,  
Amor assim como este amor que chora  
Neste beijo d'amor que são meus versos!...<sup>14</sup>  
(GUEDES, 1987, V I, p. 228)

Donjuanismo existencial: a busca pelo amor, não pela sedução:

Prince Charmant

No lânguido esmaecer das amorosas  
Tardes que morrem voluptuosamente  
Procurei-O no meio de toda a gente.<sup>15</sup>  
Procurei-O em horas silenciosas  
(...)  
E nunca O encontrei!... **Prince Charmant**<sup>16</sup>  
Como audaz cavaleiro em velhas lendas  
Virá, talvez, nas névoas da manhã!  
Ah! Toda a nossa vida anda a **quimera**  
Tecendo em **frágeis** dedos **frágeis** rendas...  
Nunca se encontra **Aquele** que se espera!...<sup>17</sup>  
(GUEDES, 1987, V II, p. 130)

Donjuanismo existencial: a busca por algo mais sagrado que um amor de homem.

Ambiciosa

Para aqueles fantasmas que passaram,  
Vagabundos a quem jurei amar,  
Nunca os meus braços lânguidos traçaram  
O vôo dum gesto para os alcançar...  
(...)  
Minha alma é como a pedra funerária  
Erguida na montanha solitária  
Interrogando a vibração dos céus!  
O amor dum homem? - Terra tão pisada!  
Gota de chuva ao vento baloiçada...  
Um homem?  
- Quando eu sonho o amor dum deus!...  
(GUEDES, 1987, V II, p. 191)

---

<sup>12</sup> (O lamento que espera a promessa; espera a certeza)

<sup>13</sup> (O donjuanismo clássico).

<sup>14</sup> (beijo de amor = versos; versos = choram).

<sup>15</sup> (Mais do que um homem; uma entidade).

<sup>16</sup> (Príncipe encantado)

<sup>17</sup> (A espera tem um objeto específico).

Donjuanismo existencial: a presença da falta.

O meu impossível

Minh'alma ardente é uma fogueira acesa,  
**Ânsia de procurar sem encontrar**  
A chama onde queima uma incerteza!  
Tudo é **vago e incompleto!** E o que mais **pesa**  
**É nada ser perfeito.** É deslumbrar  
A noite tormentosa até **cegar,**  
E tudo ser em vão! Deus, que tristeza!...  
Aos meus irmãos na dor já disse tudo  
**E não me compreenderam!**...  
(...)  
Mas se eu pudesse a mágoa que em mim chora  
Contar, não a chorava como agora,<sup>18</sup>  
Irmãos, não a sentia como a sinto!  
(GUEDES, 1987, V II, p. 233)

Donjuanismo existencial: Insatisfação, procura, ciclo.

Inconstância

(...)  
Eterna **sonhadora** edificava  
Meu **castelo de luz** que me caiu!<sup>19</sup>  
Tanto clarão nas trevas refulgiu,  
**E tanto beijo a boca me queimava!**<sup>20</sup>  
E era o **sol** que aos longes deslumbrava  
Igual a tanto sol que me **fugiu!**<sup>21</sup>  
Passei a vida a **amar e a esquecer...**  
**Um** sol a apagar-se e **outro** a acender  
Nas brumas dos atalhos por onde ando...<sup>22</sup>  
E **este** amor que assim me vai **fugindo**  
É igual a outro amor que vai **surgindo,**  
Que **há de partir** também... nem eu sei quando...<sup>23</sup>  
(GUEDES, 1987, V II, p. 128)

Destino manifesto: encontrar o amor mas nunca 'encontrá-lo'.

Realidade

Em ti o meu olhar fez-se alvorada  
E a minha voz fez-se gorgheio de ninho...  
(...)  
Minhas pálpebras são cor de verbena,  
Eu tenho os olhos garços, sou morena,  
**E para te encontrar foi que eu nasci...**  
Tens sido vida fora o meu desejo  
**E agora, que te falo, que te vejo,**  
**Não sei se te encontrei... se te perdi...**  
(GUEDES, 1987, V II, p. 169)

<sup>18</sup> (A poesia como alívio).

<sup>19</sup> (Se reconhece como alguém que deseja constantemente).

<sup>20</sup> (Dor ou prazer)?

<sup>21</sup> (Sol: Amor)

<sup>22</sup> (Ciclo, recorrência sem entusiasmo)

<sup>23</sup> (Certeza ou desejo da partida)?

Blasfêmia  
(...)  
Sou no teu rosto a luz que o alumia,<sup>24</sup>  
Sou a expressão das tuas mãos de raça,  
E os beijos que me dás já foram meus!  
Em ti sou Glória, Altura e Poesia!  
E vejo-me - milagre cheio de graça! ...  
Dentro de ti, **em ti igual a Deus!**...<sup>25 26</sup>  
(GUEDES, 1987, V II, p. 239)

Conforme foi dito na introdução, o poema que me fez conhecer Florbela é "Fanatismo", para mim, o mais bonito de toda sua obra, inspiração máxima de um amor infinito. A seguir apresento uma análise deste soneto.

Fanatismo –Guedes, (1987, V.II, p.118)

Minh'alma, de sonhar-te, anda perdida  
Meus olhos andam cegos de te ver!  
Não és sequer razão de meu viver,  
Pois que tu és já toda a minha vida!  
Não vejo nada assim enlouquecida...  
Passo no mundo, meu Amor, a ler  
No misterioso livro do teu ser  
A mesma história tantas vezes lida!  
Tudo no mundo é frágil, tudo passa...  
Quando me dizem isto, toda a graça  
Duma boca divina fala em mim!  
E, olhos postos em ti, vivo de rastros:  
Ah! Podem voar mundos, morrer astros,  
Que tu és como Deus: princípio e fim!...  
(GUEDES, 1987, V II, p. 118)

Este poema apresenta uma linguagem que facilita sua compreensão. Logo nos primeiros versos é possível perceber a força das palavras de quem sente, ou ao menos tem completo conhecimento de um tema que apesar de muito comum na literatura poética, torna-se ímpar na mente ou na alma de um poeta.

O amor não recíproco de alguém, retratado por Florbela Espanca, nos remete a emoções tão pueris que pessoas adultas muitas vezes não são capazes de compreender, pois se tornaram cegos pela maturidade, assim como os olhos do eu poético, esses por razões mais nobres.

---

<sup>24</sup> (Blasfêmia de acordo com padrões sociais: é o eu-lírico feminino que ilumina o homem)

<sup>25</sup> (Blasfêmia de acordo com padrões religiosos).

<sup>26</sup> Os poemas analisados não estão em negrito na versão original.

A melancolia presente em “Fanatismo” justifica a ideia de que poetas se inspiram na própria vida, ou então fogem dela. Esse poema, porém, entrelaça ambas as partes, incluindo a pureza de um sentimento (como a tristeza e a resignação diante de um amor inalcançável) e as saudades de um relacionamento acabado.

Abaixo destaco outros dois poemas da obra de Florbela que trazem a visão da poetisa com relação às diferenças entre o amor idealizado e o real, ou, possível.

#### A Vida

É vão o amor, o ódio, ou o desdém;  
Inútil o desejo e o sentimento...  
Lançar um grande amor aos pés d'alguém  
O mesmo é que lançar flores ao vento!

Todos somos no mundo "Pedro Sem",  
Uma alegria é feita dum tormento,  
Um riso é sempre o eco dum lamento,  
Sabe-se lá um beijo donde vem!

A mais nobre ilusão morre... desfaz-se...  
Uma saudade morta em nós renasce  
Que no mesmo momento é já perdida...

Amar-te a vida inteira eu não podia...  
A gente esquece sempre o bem dum dia.  
Que queres, ó meu Amor, se é isto a Vida!  
(GUEDES, 1987, V II, p. 146)

#### Aos olhos dele

Não acredito em nada. As minhas crenças  
Voaram como voa a pomba mansa,  
Pelo azul do ar. E assim fugiram o  
As minhas doces crenças de criança.

Fiquei então sem fé; e a toda gente  
Eu digo sempre, embora magoada:  
Não acredito em Deus e a Virgem Santa  
É uma ilusão apenas e mais nada!

Mas avisto os teus olhos, meu amor,  
Duma luz suavíssima de dor...  
E grito então ao ver esses dois céus:

Eu creio, sim, eu creio na Virgem Santa  
Que criou esse brilho que m'encanta!  
Eu creio, sim, creio, eu creio em Deus!  
(GUEDES, 1987, V I, p. 224)

### 3.3 ALFONSINA E O AMOR

Alfonsina, por sua vez, escreveu sobre temas diversos, não obstante, o tema mais recorrente em sua obra é o amor, entendido quase sempre como uma espécie de furor, contrastando o sentimento romântico com notas irônicas, uma expressão da dualidade entre o ser e o não ser. Seus sentimentos estão expressos de forma transparente em sete livros. Os quatro primeiros, '*La inquietud del rosal*' (1916), '*El dulce daño*' (1918), '*Irremediablemente*' (1919) y '*Languidez*' (1920) possuem uma visão mais pessoal e íntima, enquanto que os outros três: '*Ocre*' (1925), '*Mundo de siete pozos*' (1934) y '*Mascarilla y trébol*' (1938) constituem obras mais pensadas e cerebrais, repletas de simbolismos e abstrações.

Alguns de seus poemas que falam de amor:

La Caricia Perdida

Se me va de los dedos la caricia sin causa,  
se me va de los dedos... En el viento, al pasar,  
la caricia que vaga sin destino ni objeto,  
la caricia perdida ¿quién la recogerá?

Pude amar esta noche con piedad infinita,  
pude amar al primero que acertara a llegar.  
Nadie llega. Están solos los floridos senderos.  
La caricia perdida, rodará... rodará...

Si en los ojos te besan esta noche, viajero,  
si estremece las ramas un dulce suspirar,  
si te oprime los dedos una mano pequeña  
que te toma y te deja, que te logra y se va.

Si no ves esa mano, ni esa boca que besa,  
si es el aire quien teje la ilusión de besar,  
oh, viajero, que tienes como el cielo los ojos,  
en el viento fundida, ¿me reconocerás?

(STORNI, 1956, p. 74)

A carícia perdida (Tradução de Carlos Seabra)

Sai-me dos dedos a carícia sem causa,  
Sai-me dos dedos... No vento, ao passar,  
A carícia que vaga sem destino nem fim,  
A carícia perdida, quem a recolherá?

Posso amar esta noite com piedade infinita,  
Posso amar ao primeiro que conseguir chegar.  
Ninguém chega. Estão só os floridos caminhos.  
A carícia perdida, andará... andará...

Se nos olhos te beijarem esta noite, viajante,  
Se estremece os ramos um doce suspirar,  
Se te aperta os dedos uma mão pequena  
Que te toma e te deixa, que te engana e se vai.

Se não vês essa mão, nem essa boca que beija,  
Se é o ar quem tece a ilusão de beijar,  
Ah, viajante, que tens como o céu os olhos,  
No vento fundida, me reconhecerás?

Alfonsina nos diz que pode amar ao primeiro que conseguir chegar, mas ninguém chega. Ela 'lançou' uma carícia ao vento, num gesto que viaja ao infinito em busca de um destinatário que saiba apreciar a sua ternura.

Tú, que nunca serás

Sábado fue, y capricho el beso dado,  
capricho de varón, audaz y fino,  
mas fue dulce el capricho masculino  
a este mi corazón, lobezno alado.

No es que crea, no creo, si inclinado  
sobre mis manos te sentí divino,  
y me embriagué. Comprendo que este vino  
no es para mí, mas juega y rueda el dado.

Yo soy esa mujer que vive alerta,  
tú el tremendo varón que se despierta  
en un torrente que se ensancha en río,

y más se encrespa mientras corre y poda.  
Ah, me resisto, más me tiene toda,  
tú, que nunca serás del todo mío.

(STORNI, 1956, p.110)

Tu que nunca serás (Tradução de Maria Teresa Almeida Pina)

Sábado foi caprichoso o beijo dado,  
Capricho de varão, audaz e fino  
Mas foi doce o capricho masculino  
A este meu coração, lobinho alado.

Não é que creia, não creio, se inclinado  
sobre minhas mãos te senti divino  
E me embriaguei, compreendo que este vinho  
Não é para mim, mas joga e roda o dado...

Eu sou a mulher que vive alerta,  
Tu o tremendo varão que se desperta  
E é uma torrente que se desvanece no rio

E mais se encrespa enquanto corre e poda.  
Ah, resisto, mas me tens toda,  
Tu, que nunca serás de todo meu.

Em um poema perpassado de erotismo, Alfonsina fala de um encontro fugaz, cheio de encantamento e magia. Um homem que a domina, o amante, uma figura masculina que a possui e a embriaga de amor e de sensações. Embora saiba que nunca o terá única e totalmente para si (pois trata-se de um homem comprometido) ela joga e roda o dado; inicialmente resiste, mas acaba por entregar-se por completo.

Un sol

Mi corazón es como un dios sin lengua,  
mudo se está a la espera del milagro,  
he amado mucho, todo amor fue magro,  
que todo amor lo conocí con mengua.

He amado hasta llorar, hasta morirme,  
amé hasta odiar, amé hasta la locura,  
pero yo espero algún amor-natura  
capaz de renovarme y redimirme.

Amor que fructifique mi desierto  
y me haga brotar ramas sensitivas,  
soy una selva de raíces vivas,  
sólo el follaje suele estarse muerto.

¿En dónde está quien mi deseo alienta?  
¿Me empobreció a sus ojos el ramaje?  
Vulgar estorbo, pálido follaje  
distinto al tronco fiel que lo alimenta.

¿En dónde está el espíritu sombrío  
de cuya opacidad brote la llama?  
Ah, si mis mundos con su amor inflama  
yo seré incontenible como un río.

¿En dónde está el que con su amor me envuelva?  
Ha de traer su gran verdad sabida...  
Hielo y más hielo recogí en la vida:  
Yo necesito un sol que me disuelva.

(STORNI, 1956, p.97)

Alfonsina nos fala outra vez de seu conflito e em meio a esta busca desesperada se pergunta: Onde está quem anima meu desejo?... Onde está quem me envolve com seu amor? Mas logo volta a falar de novo a mulher que sabe que busca algo especial e diz: Há de trazer sua grande e sábia verdade... Gelo e mais gelo recebi na vida, necessito um sol que me dissolva!

### Queja

Señor, mi queja es ésta,  
Tú me comprenderás;  
De amor me estoy muriendo,  
Pero no puedo amar.  
Persigo lo perfecto  
En mí y en los demás,  
Persigo lo perfecto  
Para poder amar.  
Me consumo en mi fuego,  
¡Señor, piedad, piedad!  
De amor me estoy muriendo,  
¡Pero no puedo amar!  
(STORNI, 1956, p.44)

Este poema retrata, na forma de uma súplica a Deus, a alma de uma mulher ferida e solitária, cujo vazio causado pela busca infrutífera do amor se expressa pela frase: 'de amor me estoy muriendo'. Na verdade, significa dizer que ela está morrendo por não poder amar da forma como gostaria. Em meu modo de ver, é um dos poemas que mais denotam essa condição existencial da poetisa.

### La flor del mal

"Yo he pretendido odiar...lo he pretendido...  
Imposible me fué. Triunfó una rosa  
Que hay en mi corazón; triunfó la hostia  
De la bondad innata. Sobre el odio  
Arrojó polen una mariposa  
Que mis jardines líricos colora...  
Y el odio, ungido, fecundó una blanca  
Ensoñación de paz que estaba pronta  
Para brotar del alma dolorosa."  
(STORNI, 1956, vol I, p. 75)

Apesar dos conflitos, apesar de sua luta interior e de seus questionamentos, Alfonsina não pôde resistir à atração que o homem lhe causava. Lutou contra esta paixão que lhe atropelava e seu instinto erótico que sua razão lhe fazia recusar. Essa luta, esse conflito faz com que brote nela a poesia, como retrata este poema.

#### 4. DESENCONTROS DE DUAS MULHERES À FRENTE DE SEU TEMPO

“O meu mundo não é como o dos outros, quero demais, exijo demais; há em mim uma sede de infinito, uma angústia constante que eu nem mesma compreendo, pois estou longe de ser uma pessoa; sou antes uma exaltada, com uma alma intensa, violenta, atormentada, uma alma que não se sente bem onde está, que tem saudade... sei lá de quê”. (ESPANCA,1930)

Acredito que o principal desencontro de Florbela em sua breve existência tenha sido com o amor. Essa característica marcante que perpassa sua obra poética lhe desenhou uma espécie de predestinação afetiva. Teve uma vida cheia de amores, sem que nenhum fosse ‘o certo’.

Existem diferentes opiniões sobre o objeto da poesia de Florbela Espanca, entretanto, a maior parte dos críticos literários identifica em seu fazer poético o resultado de suas experiências existenciais. No artigo intitulado ‘Uma noite para se encontrar com a morte’, a respeito da produção florbeliana, José Carlos Seabra Pereira diz que seu “eu” era seu principal personagem.

Abaixo transcrevo outra anotação do seu diário pessoal, no qual Florbela, num arroubo de narcisismo, auto intitula-se um ‘Napoleão de saias’:

“Que me importa a estima dos outros se eu tenho a minha? Que me importa a mediocridade do mundo se Eu sou Eu? Que importa o desalento da vida se há morte? Com tantas riquezas porque sentir-me pobre? E os meus versos e a minha alma, e os meus sonhos, e os montes e as rosas e a canção dos sapos nas ervas úmidas e a minha charneca alentejana e os olivais vestidos de Gata Borracheira e o assombro dos crepúsculos e o murmúrio das noites... então isto não é nada? Napoleão de saias, que império desejas? Que mundos queres conquistar? Estás, decididamente, atacada de delírios de grandezas!(...)” (ESPANCA, 1930)

Florbela reconhecia-se uma exaltada, alguém com sede de infinito, prisioneira de uma angústia constante. Escrever era, para ela, a válvula de escape, a maneira de ‘fazer-se ouvir’, sentimento análogo ao experimentado por Alfonsina Storni em relação à sua própria obra ‘*La inquietud del rosal*’ quando disse: - “escrebi para no morir”.

Cito agora 'Eu', conhecido poema de Florbela, a fim de fazer uma análise comparativa com a sua biografia.

Eu

Eu sou a que no mundo anda perdida  
Eu sou a que na vida não tem norte  
Sou a irmã do Sonho, e desta sorte,  
Sou a crucificada... a dolorida...

Sombra de névoa tênue e esvaecida,  
E que o destino amargo, triste e forte,  
Impele brutalmente para a morte!  
Alma de luto sempre incompreendida!...

Sou aquela que passa e ninguém vê...  
Sou a que chamam triste sem o ser...  
Sou a que chora sem saber porquê...

Sou talvez a visão que Alguém sonhou,  
Alguém que veio ao mundo pra me ver  
E que nunca na vida me encontrou!  
(GUEDES, 1987, V.II, p.61)

Penso que dos sonetos de Florbela este seja o que representa uma ideia mais aproximada da sua autobiografia. O eu lírico apresenta-se como uma mulher desnordeada, sem rumo na vida. 'Crucificada' e 'dolorida' são os adjetivos escolhidos para a caracterização psicológica. Talvez crucificada pela incompreensão dos três maridos e dolorida pela tristeza aparentemente inata que trazia dentro de si.

O destino amargo, triste e forte irá conduzi-la à morte. Nota-se aqui um sentimento de predestinação. 'Alma de luto' (morte/sombra), 'sempre incompreendida'. (Florbela sabia muito bem que os valores machistas e cruéis da sociedade patriarcal em que vivia limitavam em muito a aceitação e compreensão de seus sentimentos e atitudes).

Em seu poema, a poetisa confessa que não sabe definir porque ainda não se encontrou, nem o porquê de seu choro. Sua tristeza sistemática era, também para ela, um enigma indecifrável.

Nos estudos literários aprende-se a identificar em alguns autores o objetivo, às vezes explícito, às vezes não, de prenunciar a trajetória de alguns de seus personagens através da escolha de seus nomes. Algo semelhante ocorre na história de Florbela Espanca, embora de uma forma um tanto diversa. Segundo consta, D. Antônia da Conceição Lobo, sua mãe biológica, ao vê-la pela primeira vez pronunciou as seguintes palavras: - “É uma menina, é uma flor! – Flor se chamará”... Foram palavras delicadas e inspiradas que, contudo, prenunciavam a transitoriedade daquela vida.

O poema ‘À morte’, do livro póstumo *Reliquiae*, expressa o estado de espírito de alguém que está decidida e conformada com o único destino que lhe parece restar. Já não tem mais forças para manter os sonhos de sua alma inquieta e sedenta. Florbela, mais uma vez, escreve aproximando-se do explícito.

À morte

Morte, minha Senhora Dona Morte,  
Tão bom que deve ser o teu abraço!  
Lânguido e doce como um doce laço  
E como uma raiz, sereno e forte.

Não há mal que não sare ou não conforte  
Tua mão que nos guia passo a passo,  
Em ti, dentro de ti, no teu regaço  
Não há triste destino nem má sorte

Dona Morte dos dedos de veludo,  
Fecha-me os olhos que já viram tudo!  
Prende-me as asas que voaram tanto!

Vim da Moirama, sou filha de rei,  
Má fada me encantou e aqui fiquei  
À tua espera, quebra-me o encanto!  
(GUEDES, 1987, V.II, p. 260)

Para encerrar esta análise dos desencontros de Florbela, transcrevo abaixo um recorte do bellissimo texto de Dora Nunes Gago intitulado ‘Florbela, a princesa desalento’, no qual relata as últimas horas de vida da grande poetisa portuguesa:

(...) Florbela não consegue dormir, embora a noite tenha chegado há muito, sorrateira, com seus passos de cetim negro. Acende mais um cigarro - companheiro constante e traiçoeiro, cada vez mais presente e necessário.

Corre o dia 7 de Dezembro de 1930 e está quase a cumprir mais um aniversário. Pela primeira vez quer oferecer-se a si própria uma prenda única e derradeira. Contudo, não sabe se terá coragem, não sabe se terá mesmo chegado a hora. Já o tentou duas vezes e sente ainda o gosto amargo do fracasso, da frustração, mesclado com o ar piedoso dos outros. Sim, porque os outros sabem viver. Tudo para eles é fácil, tudo tem sentido, mesmo o que é inteiramente vazio e incongruente. Pelo contrário, ela é uma exilada da vida, uma inadaptada, imersa num oceano de tédio e incompreensão. Há pouco dias, escreveu no seu Diário. E não haver gestos novos e palavras novas(...)

(...) De novo, o vazio negro e gelado se apoderou da sua alma. Afinal, nada valia a pena. Tudo era tédio, vazio e nada. O espírito encontrava-se tão vazio e estéril como o seu ventre que teimava em rejeitar todos os seres que principiara a gerar. De que lhe valia viver, se o amor era uma quimera, uma pura ilusão? Se o amado irmão vagava num outro rio além-vida, ainda envergando a farda de aviador? Se a maternidade lhe era negada pela vida e pelo destino? Se a sua alma deambulava todas as noites, aprisionada e desesperada, como uma pomba numa gaiola de prata? Nem na poesia encontrava já qualquer consolo. Ela saía-lhe apenas, como um grito ou um lânguido lamento (...).

O relógio derrama languidamente as duas badaladas. É a madrugada do dia 8 de Dezembro. Há trinta e seis anos atrás, numa branca alcova, em fria madrugada de sábado, uma mulher pobre e humilde padecia as dores do parto. Chamava-se Antónia da Conceição Lobo e seria destinada ao mero papel de parir. O seu fruto, resultado de uma ligação ilegítima, (embora «autorizada») seria criado pelo pai e pela esposa dele (que era estéril), a quem chamaria «mãe». Rasgava-se-lhe o ventre, qual semente rebentada ao germinar. A dor materializava-se em gemidos abafados e contidos, como abafada também havia sido a concepção.

Finalmente, vem à luz um bebê franzino e chorão. É uma menina, «uma Flor», como disse a parteira e a mãe dita a sua sentença (única interferência que terá na vida da filha): «Flor se chamará».

É aquele o tão ansiado momento em que a vida e a morte se fundem, transbordando todas as fronteiras do tempo. Levanta avidamente o colchão do seu leito e retiram os dois frascos de Veronal, o sedativo que há muito havia guardado em doses letais, para o tão aguardado instante.

Afinal, não vale à pena esperar mais. Talvez noutra vida, noutro tempo, conseguisse capturar alguma réstia da felicidade fugidia que lhe iluminasse os dias, mas não nesta.

Abre o guarda-fato e retira o seu vestido negro preferido, colocado ali propositadamente na véspera. Vestiu-o apressadamente e colocou o longo colar de pérolas.

Depois, esvazia os frascos um a um serena e metodicamente, engolindo os comprimidos com o copo de leite que a sua dedicada Teresa lhe deixara. Lá fora, o mar continua a lançar os lamentos de fera embravecida e o vento, mais forte e intenso, afasta os cortinados da janela. A chuva pára por momentos, num silêncio contemplativo:

Deixai entrar a Morte, a Iluminada,

A que vem pra mim, pra me levar.

Abri todas as portas par em par

Com asas a bater em revoada.

Que sou eu neste mundo? A deserdada,  
A que prendeu nas mãos todo o luar,  
A vida inteira, o sonho, a terra, o mar  
E que ao abri-las, não encontrou nada!»  
(...)

Apeles abre-lhe os braços e mergulham no infinito, atravessando o rio Lethes no seu hidroavião milagrosamente reconstruído, ressuscitado. Em cima da escrivadinha ficaram breves cartas de despedida e os dois destroços do avião que pediu para serem sepultados com ela. Amanhã um jornal qualquer anunciará o seu desaparecimento com letras miúdas e um carpinteiro assinará a certidão de óbito atestando que faleceu de “edema pulmonar”, para que a sua morte não acenda o escândalo que em vida tantas vezes ateou.

Lá fora, uma chuva de mimosas, açucenas, lírios roxos e rosas vergasta os vidros da janela. São as flores que ela quer que lhe cubram o corpo ao descer à última morada.

(GAGO, 2004, p.83)

Alfonsina escreveu dez livros de poesia, duas peças teatrais e um volume de ensaios. Toda sua obra reflete dramatismo, luta e uma audácia incomum para a época. Sua temática é, sobretudo, amorosa, feminista e profunda, onde se nota um caráter singular, muitas vezes marcado pela neurose, fato que se repete quando analisamos a obra de Florbela Espanca.

Alfonsina e a experiência do primeiro verso:

“A los doce años escribo mi primer verso. Es de noche; mis familiares ausentes. Hablo en él de cementerios, de mi muerte. Lo doblo cuidadosamente y lo deajo debajo del velador, para que mi madre lo lea antes de acostarse. El resultado es esencialmente doloroso; a la mañana siguiente, tras una contestación mía levantisca, unos coscorriones frenéticos pretenden enseñarme que la vida es dulce. Desde entonces, los bolsillos de mis delantales, los corpiños de mis enaguas, están llenos de papeluchos borroneados que se me van muriendo como migas de pan”. (DELGADO, 2011, p. 25)

Alfonsina recorda-se de quando escreveu seu primeiro verso e o deixou sob a lamparina para que sua mãe o lesse antes de deitar-se. O tema foi sua morte e os cemitérios. Respondeu de forma impetuosa aos questionamentos de sua mãe sobre o poema e, em troca, recebeu vários ‘cascudos frenéticos’, com o intuito de ensiná-la que a vida é doce e que não devia tratar daqueles temas. Desde então não mostrou mais seus poemas à mãe, escondia-os nos bolsos de seu avental ou sob o sutiã, e seus versos iam perdendo-se como migalhas de pão.

A poetisa conviveu com sua mãe e demais familiares até os treze anos de idade, quando então seguiu viagem com a companhia de teatro de José

Tallaví. A partir de então, precisou sobreviver por seus próprios meios. Ao se descobrir grávida e sem contar com qualquer tipo de apoio do pai de seu filho, decide viver em Buenos Aires. Esta importante mudança, entretanto, não diminui o preconceito e a visão estreita de mundo das pessoas com as quais convive. Mãe solteira, sem amigos e sem dinheiro, a cidade fria e de homens 'pequenos' lhe pesa na alma. A cidade feroz é feita de aço, de quadrados, de ângulos, e corrompe até mesmo almas doces como a de Alfonsina. As mentes 'curtas', produto da cidade quadrada, marcam ângulos até mesmo em sua poesia.

#### Cuadrados y ángulos

Casas enfiladas, casas enfiladas,  
Casas enfiladas.  
Cuadrados, cuadrados, cuadrados.  
Casas enfiladas.  
Las gentes ya tienen el alma cuadrada,  
Ideas en fila  
Y ángulo en la espalda.  
Yo misma he vertido ayer una lágrima,  
Dios mío, cuadrada.

(STORNI, 1956, p.35)

#### Hombre pequeñito

Hombre pequeñito, hombre pequeñito,  
Suelta a tu canario que quiere volar...  
Yo soy el canario, hombre pequeñito,  
Déjame saltar.  
Estuve en tu jaula, hombre pequeñito,  
Hombre pequeñito que jaula me das.  
Digo pequeñito porque no me entiendes,  
Ni me entenderás.  
Tampoco te entiendo, pero mientras tanto  
Ábreme la jaula que quiero escapar;  
Hombre pequeñito, te amé media hora,  
No me pidas más.

(STORNI, 1956, p.53)

#### Homem pequenino (Tradução de Carlos Seabra)

Homem pequenino, homem pequenino,  
Solta o teu canário que quer voar...  
Eu sou o canário que quer voar...  
Eu sou o canário, homem pequenino,  
Deixa-me escapar.  
Estive na tua gaiola, homem pequenino,  
Homem pequenino que gaiola me dá.  
Digo pequenino porque não me entendes,  
Nem me entenderás.  
Tampouco te entendo, mas enquanto isso  
Abre-me a gaiola que quero escapar;  
Homem pequenino, amei-te meia hora.  
Não me peças mais.

Alfonsina se sente em uma jaula, confinada pelo 'homem pequenino', metáfora do homem de visão estreita, sem entendimento, sem compreensão do universo feminino. O homem de aço, que quer tão somente dominar, impor sua vontade, reinar sobre o outro. A sociedade machista quer que o homem seja forte como foram seu pai, seu avô. Já à mulher só lhe resta o papel de submissa, fraca e dependente. É contra esse peso de vinte séculos que Alfonsina se rebela. Desde o princípio de sua obra ela clama por amor e, sobretudo, liberdade. Liberdade de viver, sentir e expressar seus sentimentos, algo que não era permitido à mulher.

Apesar do relativo sucesso literário, do reconhecimento que obteve pela qualidade de seus versos e pelo engajamento na defesa dos direitos femininos, Alfonsina nunca teve uma vida totalmente tranquila e equilibrada. Ela escrevia as dores de sua alma contraditória, ao mesmo tempo tão cheia de vida e tão triste, tão forte e tão frágil, tão mutável como o próprio mar, símbolo da vida e da morte, sua inspiração e sua última esperança de renascimento.

O poema 'Adiós' prenuncia o desfecho que 'Voy a dormir' confirmaria mais tarde:

Adiós!

Las cosas que mueren jamás resucitan,  
las cosas que mueren no tornan jamás.  
¡Se quiebran los vasos y el vidrio que queda  
es polvo por siempre y por siempre será!  
Cuando los capullos caen de la rama  
dos veces seguidas no florecerán...  
¡Las flores tronchadas por el viento impío  
se agotan por siempre, por siempre jamás!  
¡Los días que fueron, los días perdidos,  
los días inertes ya no volverán!  
¡Qué tristes las horas que se desgranaron  
bajo el aletazo de la soledad!  
¡Qué tristes las sombras, las sombras nefastas,  
las sombras creadas por nuestra maldad!  
¡Oh, las cosas idas, las cosas marchitas,  
las cosas celestes que así se nos van!  
¡Corazón... silencio!... ¡Cúbrete de llagas!...  
¿de llagas infectas? ¡cúbrete de mal!...  
¡Que todo el que llegue se muera al tocarte,  
corazón maldito que inquietas mi afán!  
¡Adiós para siempre mis dulzuras todas!  
Adiós mi alegría llena de bondad!  
¡Oh, las cosas muertas, las cosas marchitas,  
las cosas celestes que no vuelven más! ...

(STORNI, 1956, p.117)

Adeus! (tradutor desconhecido)

As coisas que morrem jamais ressuscitam,  
as coisas que morrem não voltam jamais.  
Quebram-se os vasos e o vidro que resta  
é pó para sempre e por sempre será!  
Quando os botões despencam dos ramos  
duas vezes seguidas não florescerão...  
As flores mutiladas pelo vento ímpio  
se esvaem para sempre, jamais voltarão!  
Os dias acabados, os dias perdidos,  
os dias inertes não mais tornarão!  
Que tristes as horas que se debulharam  
sob os ásperos golpes da solidão!  
Que tristes as sombras, as sombras nefastas,  
as sombras criadas por nossa maldade!  
Oh, as coisas idas, as coisas murchadas,  
as coisas celestes que nos abandonam!  
Coração... silencia!... Cobre-te de chagas!...  
De chagas infectas? Cobre-te de mal!...  
Que tudo o que chegue faleça ao tocar-te,  
coração maldito que inquietas minha ânsia!  
Adeus para sempre, ó delícias todas!  
Adeus alegria plena de bondade!  
Oh, as coisas mortas, as coisas murchadas,  
as coisas celestes que não voltam mais! ...

Três dias antes de suicidar-se, Alfonsina envia ao periódico *La Nación* os versos de sua despedida. O poema se chama 'Voy a dormir', Storni (1956):

Voy a dormir

Dientes de flores, cofia de rocío,  
manos de hierbas, tú, nodriza fina,  
tenme prestas las sábanas terrosas  
y el edredón de musgos escardados.  
Voy a dormir, nodriza mía, acuéstame.  
Ponme una lámpara a la cabecera;  
una constelación; la que te guste;  
todas son buenas; bájala un poquito.  
Déjame sola: oyes romper los brotes...  
te acuna un pie celeste desde arriba  
y un pájaro te traza unos compases  
para que olvides... Gracias. Ah, un encargo:  
si él llama nuevamente por teléfono  
le dices que no insista, que he salido...  
(STORNI, 1956, p.68)

Vou dormir (Tradutor desconhecido)

Dentes de flores, touca de orvalho,  
mãos de ervas, tu, amável nutriz,  
deixa-me prontos os lençóis terrosos  
e o cobertor de musgos cardados.  
Vou dormir, aia minha, deita-me.  
Põe-me uma lâmpada à cabeceira;  
uma constelação; a que mais gostes;

todas são boas; baixa-a um pouquinho.  
Deixa-me só: ouves romper os brotos...  
te nina um pé celeste lá de cima  
e um pássaro te traça alguns compassos  
para que esqueças... Obrigada. Ah, um encargo:  
se ele novamente chamar por telefone  
lhe dizes que não insista, que eu saí...

Os jornais da época informaram em suas manchetes que, na manhã do dia 25 de outubro de 1938, o corpo da grande poetisa Alfonsina Storni foi encontrado na praia de La Perla, em Mar Del Plata. Estava morta por afogamento, vestida de forma impecável e com um semblante absolutamente tranquilo.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

(...) “Nem que eu bebesse o mar, encheria o que eu tenho de fundo”<sup>27</sup>

É minha convicção que é impossível analisar a obra poética sem associá-la à vida pessoal destas duas grandes poetisas. Por esta razão, fiz questão de trazer suas biografias de forma bem detalhada a este estudo.

Entre os objetivos deste trabalho está registrado o propósito de analisar aspectos contextuais convergentes, presentes na vida e obra e articulados na linguagem poética de Florbela Espanca e Alfonsina Storni. A seguir farei uma breve análise desses aspectos congruentes, encontrados no decorrer dessa revisão bibliográfica a qual me propus. Vejamos alguns deles:

1. Florbela teve ‘duas mães’, a biológica que morreu de causas neurológicas e a esposa do pai, que a batizou como madrinha e a criou. Seu pai, embora tenha lhe dedicado amor e carinho, a registrou como filha somente vários anos depois de sua morte. Alfonsina teve um pai melancólico e alcoolista, além de ter saído de casa aos treze anos de idade.
2. Desde muito cedo ambas demonstravam grande precocidade, bem como uma atração especial pelo tema da morte. Podemos comprovar isso através dos títulos ou temas de seus primeiros poemas. Aos doze anos de idade, Alfonsina escreve seus primeiros versos. Fala de cemitérios e de sua morte. Florbela, aos sete anos, escreve seu primeiro poema intitulado ‘A vida e a morte’.
3. Ambas eram leitoras e admiradoras da obra do famoso escritor nicaraguense Rubén Darío.
4. Tanto Florbela quanto Alfonsina sofreram com inúmeros problemas de saúde, tendo sido diagnosticadas com quadros de depressão e neurastenia.
5. Grande parte de seus poemas traz como tema central o amor irrealizado.
6. Sofreram com o suicídio de parentes ou amigos muito próximos e se desestabilizaram emocionalmente. No caso de Florbela, não ficou comprovado

---

<sup>27</sup> Trecho da música Seduzir, do músico brasileiro Djavan.

que o irmão Apeles tenha atentado contra a própria vida, o que, contudo, é uma possibilidade. No caso de Alfonsina, Horácio Quiroga, também poeta, seu melhor amigo e confidente, suicidou-se ingerindo cianureto, após lutar contra um câncer de próstata.

7. Antes dos respectivos e trágicos desfechos suicidas, Florbela deixou mensagem em seu diário pessoal. Alfonsina, por sua vez, enviou ao jornal *La Nación* o poema 'Voy a dormir'.

No que elas inovam?

Acredito que ambas demonstraram uma capacidade muito grande de ir contra os valores morais de uma sociedade machista, preconceituosa e patriarcal. Apesar de pagarem o alto preço de suas atitudes irreverentes e, até certo ponto atrevidas, tiveram a coragem de defender suas ideias e seus conceitos. Embora tenha sido uma característica bem mais presente na vida e obra de Alfonsina, a defesa dos ideais feministas certamente abriu portas e abreviou distâncias na conquista do ideal de igualdade entre gêneros, ao menos no que concerne à liberdade de expressão.

Do ponto de vista poético, tanto Alfonsina quanto Florbela inovam no sentido de trazer em suas obras um olhar 'para dentro', colocando-se como objetos de ação e análise, inaugurando, de certa forma, a escrita feminina intimista.

Através da análise dos poemas de Florbela e Alfonsina, busquei compreender a alma sensível e sonhadora destas duas mulheres. Duas almas fantásticas, ao mesmo tempo apaixonadas e desiludidas, sedentas de vida e ansiosas pela morte.

A melancolia que emana dos amores irrealizados, a solidão, a incompreensão e a morte como fator de alívio, transcendência e liberdade são temas recorrentes na obra de ambas as poetisas. Florbela e Alfonsina traziam em seu âmago uma enorme ânsia pelo absoluto, talvez por isso a sensação de incompletude e insaciabilidade que experimentavam era tão devastadora.

Embora tenha se casado por três vezes (fato que nunca foi bem aceito pela sociedade e pela própria família que ficou dois anos sem falar com ela) e se apaixonado outras tantas, Florbela jamais encontrou o amor que lhe completasse. Os padrões morais da época, extremamente patriarcais e machistas lhe cobravam atitudes submissas e reservadas que iam de encontro ao seu universo apaixonado, sensual, ardente e sonhador.

Alfonsina, por sua vez, compartilhou dos mesmos padrões, enfrentando enormes preconceitos desde os treze anos de idade quando se ligou ao teatro (algo escandaloso na época) e, aos dezenove anos, quando engravidou de um homem casado e 24 anos mais velho do que ela, tornando-se mãe solteira, sem qualquer tipo de apoio da família. Buscou de forma incessante o amor que lhe satisfizesse física e espiritualmente, o único capaz de pôr fim às tempestades que assolavam seu conturbado universo interior.

Pode-se estudar um autor a partir de sua obra, a partir de sua vida ou a partir do que a crítica fala a seu respeito. Entretanto, por mais que tentemos, jamais teremos condições de saber com precisão absoluta o que realmente sentia quando expressou esta ou aquela ideia, quando escreveu determinada obra, seja um pequeno poema ou um livro de quinhentas páginas. Como saber se está sendo autobiográfico ou se está falseando, por assim dizer, a realidade?

Por outro lado, entendo que o valor de uma obra literária está diretamente relacionado à capacidade que o autor tem de expressar-se, de tornar real, sinestésica e profunda a experiência de leitura. Quando é atingido este propósito e o leitor, conduzido e 'abduzido' pelo escritor, consegue sentir a 'verdade' de um personagem ou penetrar na 'alma' de um verso, então houve mestria no encontro das palavras, a obra 'aconteceu', está 'viva', eternizada pelo poder criativo de um gênio. É neste nível que entendo encontrarem-se Florbela e Alfonsina.

Só aqueles que conseguem enxergar além, que são capazes de superar a homogeneização das ideias e das atitudes logram marcar seus lugares na

história. Florbela Espanca e Alfonsina Storni são duas almas corajosas que tiveram o mérito de não calar. Expressaram suas ideias, seus desejos e manifestaram sua inconformidade perante uma sociedade eivada de preconceitos, de formalismos e indiferenças. Duas mulheres realmente à frente de seu tempo!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGÃO, Patrícia. *O donjuanismo na obra de Florbela Espanca: "Amar, amar e não amar ninguém"*. Trabalho de conclusão de curso: UFRGS, 2004.

BESSA, Luis Agustina. *Florbela Espanca*. Lisboa: Guimarães , 1976.

DAL FARRA, Maria Lúcia. *Poesia de mulher em língua portuguesa*. In: Abrindo Caminhos – Homenagem a Maria Aparecida Santilli, Coleção Via Atlântica, nº 2. São Paulo: Gráfica Vida e Consciência, 2002.

-----, Maria Lúcia. *Poemas de Florbela Espanca*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

-----, Maria Lúcia. *Florbela erótica*. In: Cadernos Pagú. n. 19. Unicamp, 2002.

DELGADO, Josefina. *Alfonsina Storni, una biografía esencial*. Buenos Aires: Contemporánea, 2011.

DURAN, Cristina. *Uma noite para se encontrar com a morte*. In: O estado de São Paulo. Especial de domingo. Seção Personalidade. São Paulo, 1994.

ESPANCA, Florbela. *Diário Pessoal*, 19 de fevereiro de 1930.

-----, Florbela. *Melhores Poemas*. Seleção: Zina C. Belloti. São Paulo: Global, 2005.

-----, Florbela. *As máscaras do destino*. Porto: Maranus, 1931.

GARRETT, Almeida. *Viagens na Minha Terra*, Porto: Clássica, 1963.

GUEDES, Rui. *Obras Completas de Florbela Espanca, vol. I*, Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987.

-----, Rui. *Obras Completas de Florbela Espanca, vol. II*, Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987.

HUNHOFF, Elizete Dall' comune. *O tempo, fator de identidade nas obras de Florbela Espanca e de Cecília Meireles*. In: *Confluências Estéticas e Fortunas Singulares*. In: *História da Literatura Portuguesa. Do Simbolismo ao Modernismo*, V.6. Portugal: Gráfica Europam, 2003, p. 230

OROZCO, María Teresa. *Alfonsina Storni*. Buenos Aires: Imprenta de la Universidad, 1940.

RETAMAR, Hugo Jesus Correa. *Alfonsina y su mar*. Monografía. UFRGS, Julho, 2004.

SALOMONE, Alicia N. Alfonsina Storni. *Mujeres, modernidad y literatura*. Buenos Aires: Corregidor, 2006.

SARAIVA, Antônio J. LOPES, Óscar. *História da Literatura Portuguesa*. 17ª. ed. Porto: Porto Editora, 1996.

STAUDT, Sheila K. *O Don Juan em Florbela Espanca*. Comunicações dos fóruns PPG-LET-UFRGS – Porto Alegre – Vol. 03 N. 02 – jul/dez 2007.

STORNI, Alfonsina. *Antologia Poética*. Buenos Aires: Losada, 1956.

-----, Alfonsina. *Poesía selecta de Alfonsina Storni*. Barcelona: Edicomunicación, S.A., 1995.

\_\_\_\_\_, Alfonsina. *Nosotras...y la piel: ensayos*. Ed. Mariela Méndez, Graciela Queirolo y Alicia Salomone. Buenos Aires: Alfaguara, 1998.

TAVARES, Hênio. *Teoria literária*. Rio de Janeiro: Villa Rica, 1991.

#### SITES PESQUISADOS:

<http://www.instituto-camoes.pt> -Pesquisado em 22/12/2012.

<http://purl.pt/272/2/index.html> -Pesquisado em 22/12/2012.

<http://espancaflorbela.blogspot.com.br/2009/07/florbela-espanca-biografia.html>-  
Pesquisado em 17/12/2012.

[http://novaserie.revista.triplov.com/numero\\_12/dora\\_gago.html](http://novaserie.revista.triplov.com/numero_12/dora_gago.html)- Trecho extraído de: Gago, Dora Nunes, Florbela, a princesa desalento. Portugal, 2004. Pesquisado em 02/01/2013.

<http://www.prahoje.com.br/florbela/>.Biografia de Florbela- Reliquiae- Poema à Morte. Pesquisado em 06/01/2013.

<http://www.los-poetas.com/j/storni.htm>- Pesquisado em 22/12/2012.

<http://www.e-escritarevistadocursodeletrasdauniabeu.com.br-> v.3,n.1ª, jan-abr.2012  
Pesquisado em 22/12/2012.

<http://www.hcvc.cervantes.es/actcult/storni/biografia.htm>. Pesquisado em  
09/11/2012.

## ANEXOS

### Florbela Espanca – Portugal

(08 de dezembro de 1894 – 08 de dezembro de 1930)

**"Quem me dera encontrar o verso puro, o verso altivo e forte, estranho e duro, que dissesse a chorar isto que sinto"!**



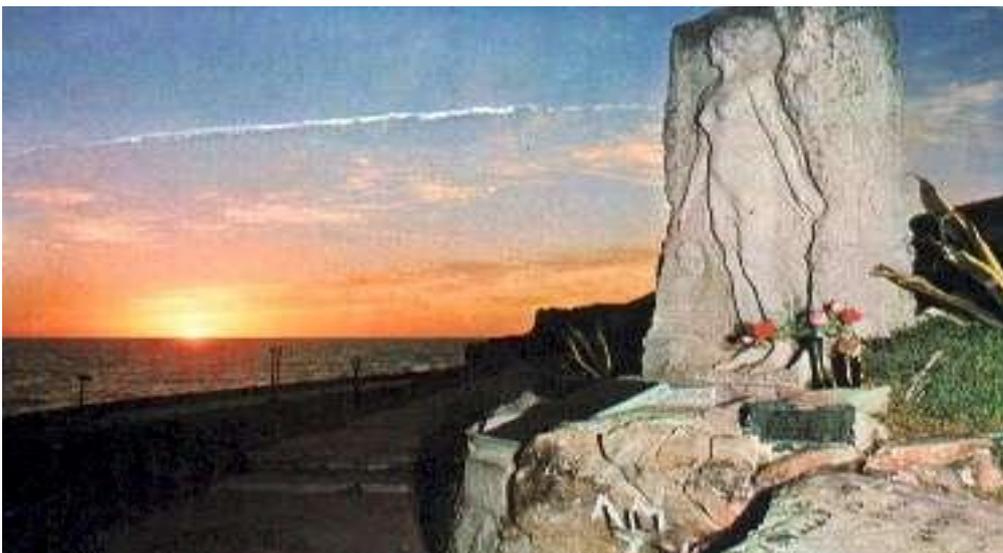
**Alfonsina Storni – Argentina**

**(29 de maio de 1892 – 25 de outubro de 1938)**

**“¿Cómo decir este deseo del alma? Un deseo divino me devora; pretendo hablar, pero se rompe y llora esto que llevo adentro y no se calma”**



**Monumento a Alfonsina Storni  
Mar de Plata - Argentina**



## Alfonsina Y El Mar (Felix Luna y Ariel Ramirez)

Por la blanda arena que lame el mar  
Su pequeña huella no vuelve más  
Un sendero solo de pena y silencio llegó  
Hasta el agua profunda  
Un sendero solo de penas mudas llegó  
Hasta la espuma.

Sabe Dios qué angustia te acompañó  
Qué dolores viejos calló tu voz  
Para recostarte arrullada en el canto  
De las caracolas marinas  
La canción que canta en el fondo oscuro del mar  
La caracola.

Te vas Alfonsina con tu soledad  
¿Qué poemas nuevos fuiste a buscar?  
Una voz antigua de viento y de sal  
Te requiebra el alma y la está llevando  
Y te vas hacia allá como en sueños  
Dormida, Alfonsina vestida de mar.

Cinco sirenitas te llevarán  
Por caminos de algas y de coral  
Y fosforescentes caballos marinos harán  
Una ronda a tu lado  
Y los habitantes del agua van a jugar  
Pronto a tu lado.

Bájame la lámpara un poco más  
Déjame que duerma nodriza, en paz  
Y si llama él no le digas que estoy, dile que,  
Alfonsina no vuelve  
Y si llama él no le digas nunca que estoy  
Di que me he ido.

Te vas Alfonsina con tu soledad  
¿Qué poemas nuevos fueste a buscar?  
Una voz antigua de viento y de sal  
Te requiebra el alma y la está llevando  
Y te vas hacia allá como en sueños  
Dormida, Alfonsina vestida de mar.

## Fanatismo – Florbela Espanca – Raimundo Fagner

Minh'alma, de sonhar-te, anda perdida  
Meus olhos andam cegos de te ver!  
Não és sequer razão de meu viver,  
Pois que tu és já toda a minha vida!

Não vejo nada assim enlouquecida...  
Passo no mundo, meu Amor, a ler  
No misterioso livro do teu ser  
A mesma história tantas vezes lida!

Tudo no mundo é frágil, tudo passa...  
Quando me dizem isto, toda a graça  
Duma boca divina fala em mim!  
E, olhos postos em ti, vivo de rastros:

Ah! Podem voar mundos, morrer astros,  
Que tu és como Deus: princípio e fim!...

Ah! Podem voar mundos, morrer astros,  
Que tu és como Deus: princípio e fim!...